



O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DAS ATIVIDADES DA ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS) - ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA - E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

150 anos da 1ª Batalha de Tuiuti - 400 anos da fundação de Belém do Pará

ANO 2016

Novembro

Nº 203

Escola Superior de Guerra (ESG) - passado, presente e futuro

Carlos José Sampaio Malan (*)

“Os seres humanos passam pela vida como um arado a sulcar a terra. Uns deixam marcas profundas, outros mal arranham o solo.

Nós passamos, mas, nas etapas de nossa caminhada, deixamos nossas marcas por palavras, gestos, atitudes e omissões.”

Essas frases foram colhidas do ensaio **“Etapas da minha caminhada”**, do Gen Alfredo Souto Malan, estagiário da primeira turma da ESG, em 1950.

Com as palavras de um dos estagiários da Escola Superior de Guerra, do ano de 1950, convido não só a primeira turma do terceiro milênio, mas todas as turmas da ESG a nos transportarmos para as origens da nossa escola. Quem eram os pioneiros deste Instituto de Altos Estudos Militares? O que pretendiam aqueles idealistas com a criação da ESG?

Segundo a Lei 785, de 20 de agosto de 1949, a ESG destinava-se ao “planejamento da Segurança Nacional”, além de à consolidação dos “conhecimentos necessários para o exercício das funções de direção”.

A mescla da experiência norte-americana com oficiais do **National War College** e de oficiais brasileiros que haviam frequentado a Escola Superior de Guerra da França molda a ESG, tipicamente brasileira, tornando-a adequada para um país em formação e em desenvolvimento, com a admissão de grande número de civis, fato esse que não ocorria nas Escolas de Guerra francesa e americana.

Em 1950, forma-se a primeira turma da ESG, e os civis e militares do Corpo Permanente dela foram considerados. A escola recém-criada procura se estruturar até 1953 e, com a experiência daqueles anos, toma o rumo que vem seguindo até hoje, com as correções e atualizações de rota que se fizeram necessárias. A ESG tem se notabilizado por contar, na sua galeria de estagiários, com preeminentes personalidades do cenário nacional, entre as quais, das primeiras turmas, destacamos os militares Cordeiro de Farias, Juarez Távora, Ernesto Geisel, Golbery do Couto e Silva, Rodrigo Octávio, Eduardo Gomes e Alte Greenhalgh; e os civis Mario Gibson Barbosa,

Austragésilo de Athayde e Ranieri Mazzili. Para configurar a real importância desta escola, ao longo dos seus 66 anos de existência, nela foram diplomados mais de 7.000 “esguianos”, entre os quais 4 presidentes da República, 45 ministros de Estado, 20 senadores, 31 deputados federais e inúmeros oficiais-generais.

Nos seus primeiros passos, apoiados no binômio segurança e desenvolvimento, a ESG nos deixa um legado de realizações que merecem ser recordadas, tais como:

- o Plano Salte – Saúde, Alimentação, Transporte e Energia;
- o Banco Nacional de Desenvolvimento, hoje BNDES; e
- o Programa de Metas de Juscelino Kubitschek – os famosos 50 anos em 5 –, que se valeu muito do que ocorrera nos dez anos iniciais da ESG.

Mais recentemente, os Planos Nacionais de Desenvolvimento e o Banco Central tiveram a sua fase embrionária nesta escola.

A ESG tem tido extraordinária atuação no fortalecimento da união entre civis e militares, das Forças Armadas e auxiliares, circunstâncias muito bem focalizadas pelo Presidente Castello Branco ao presidir a diplomação da Turma de 1966. Disse ele:

“Cada Turma da ESG revela, em toda sua profundidade e sob todos os seus aspectos, a coesão de civis e militares, na busca de soluções para os problemas nacionais”.

Porém, a doutrina da ESG evolui em sintonia com as conquistas do conhecimento humano e com a estatura político-estratégica do país.

Eis que chegamos ao século XXI, e as turmas deste novo milênio tornam-se fiéis depositárias do legado construído pelos que nos antecederam, ao mesmo tempo em que o atual regulamento da ESG está sendo modificado na sua destinação, que passa a ser a seguinte: “formular e consolidar os conhecimentos necessários ao exercício de funções de direção e assessoramento superior para o planejamento da Defesa Nacional”.

Com a evolução político-estratégica do país e com a criação do Ministério da Defesa, passam a observar agora o trinômio segurança, desenvolvimento e defesa, esta última em um sentido mais amplo, não se limitando, apenas, ao campo militar.

Dos primórdios da ESG, projetemo-nos para o futuro, não com a visão míope de quem enxerga apenas o próximo ano, mas visualizando a ESG daqui a 20 ou 25 anos, a ESG do futuro!

A criação de centros de estudos de políticas e estratégias tem sido constante em nossas universidades e fundações, preenchendo lacunas que, até então, somente a ESG ocupava.

A ênfase nos temas políticos, mormente as relações internacionais, e nos temas militares, no que se refere ao planejamento estratégico de alto nível, avulta de importância nesta primeira quadra do século XXI, ratificada na convicção de que o Itamaraty e as Forças Armadas continuarão a ser verdadeiras trincheiras dos interesses do Estado, e não de efêmeros governos, formando nossos futuros adidos militares de defesa em consonância com nossos diplomatas, projetando poder de maneira harmônica, objetiva, tolerante e sem prepotência, como sói acontecer, em face da índole pacífica, mas não pacifista, do povo brasileiro.

A ESG preparará futuros assessores e, por que não, ocupantes de um assento, que por certo está reservado ao Brasil, no Conselho de Segurança da ONU.

Antevejo a ESG de 2025 com a efetiva participação de civis e militares, como era ideia de nossos pioneiros de 1950, consolidando a segurança, o desenvolvimento e a

defesa, desta feita acrescidos da diplomacia e da projeção de poder de forma proativa, aspiração do continente sul-americano de que o Brasil, por sua destinação natural e sua estatura político-estratégica, não poderá se omitir.

Deixaremos a antessala e adentraremos os salões onde são realizados os grandes foros internacionais, que estão a exigir recursos humanos preparados e capacitados, a opinar e principalmente negociar em condições de igualdade, sem jamais abrirmos mão de nossa soberania.

Nesse contexto, em uma visão prospectiva, assim se expressou o Ministro da Defesa, Dr. Geraldo Quintão, em conferência realizada nesta Escola, em 16 de outubro de 2001: "A ESG, que sempre foi pioneira, não se deixará ultrapassar".

Desse modo, podemos inferir que continuaremos a ser uma ilha de excelência em estratégia, irradiando teorias e ideias que fundamentem a Doutrina Estratégica Nacional.

A ADESG – Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, e a Faepe – Fundação de Altos Estudos de Política e Estratégia de Apoio à Escola Superior de Guerra, são excelentes ferramentas que nos permitirão alavancar a nossa Escola e mantermo-nos ligados pelo mesmo ideal de "Uma só alma e um coração pelo Brasil".

Não esperemos, façamos como nossos antepassados... Como fazem os arados, deixemos marcas profundas em nosso solo pátrio por meio de gestos, palavras, atitudes e, principalmente, ações. Não basta acumular conhecimentos, torna-se imperiosa a sua aplicação!

(*) Coronel do Exército da Arma de Engenharia reformado, Estagiário da ESG 2001, Oficial de Ligação do Comando Militar do Sul junto ao Poder Judiciário e às Funções Essenciais à Justiça

Referência bibliográfica (de acordo com a NBR 6023:2002/ABNT):
MALAN, Carlos José Sampaio. Escola Superior de Guerra (ESG) – passado, presente e futuro. **Revista de Doutrina da 4ª Região**, Porto Alegre, n.73, set. 2016. Disponível em:
http://www.revistadoutrina.trf4.jus.br/artigos/edicao073/Carlos_Malan.html



ORGANIZAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO DO MINISTÉRIO DA GUERRA NO IMPÉRIO

Parte VIII – Gen Francisco e Paula Azevedo Pondé

SEGUNDO REINADO – PERÍODO DE 1862 A 1874 (Extrato)

Em seu Relatório de 15 Abr 1862 o Marquês de Caxias, no ítem *Providências Diversas*, lança a ideia da criação de um *Colégio Militar*, que depois foi efetivado por Tomás Coelho:

"Ponderosas razões da equidade para com os oficiais do exército, de futuro interesse para a civilização do país, e particularmente do mesmo exército, levarão o governo a projetar a criação de um estabelecimento de educação para os filhos dos militares com o título de - Colégio Militar -".

Analisando o ensino militar, verificamos que, apesar das diversas reformas sofridas, ele não proporcionava o número de oficiais necessários ao Exército, embora tivéssemos uma força terrestre muito pequena para a extensão territorial e a imensa fronteira terrestre. A falta de disponibilidade no tesouro era um grande mal, doença que acometera o Brasil desde sua independência, quando herdamos um banco falido e um Tesouro vazio, além de pagarmos a Portugal somas enormes pelo seu reconhecimento.

Em 1862, Caxias propôs a supressão dos dois primeiros postos nos corpos de engenheiros e de Estado-Maior, porque a Escola Militar não formava oficiais em número bastante.

E várias providências já haviam sido adotadas, como vimos.

- em 1851, foi criado o Curso de Infantaria e Cavalaria, em dois anos, no Rio Grande do Sul;
- em 1854, escolas elementares nos corpos de tropa;
- em 1855, instituída a Escola de Aplicação do Exército, com os 5º e 6º anos da Escola Militar, que foram suprimidos;
- em 1859, a Escola de Tiro de Campo Grande; e
- em 1860, a Escola Militar sofre nova reforma, surgindo a Escola Central, a Escola Militar, Escolas Auxiliares da Militar e Escolas Regimentais.

Os Art. 41 e 42 do Regulamento para as Escolas Militares do Império dispõem o seguinte:

O Curso de Infantaria e Cavalaria constará dos dois primeiros anos da Escola Militar, e o de Artilharia dos três anos da mesma escola. Os cursos de Estado-Maior e o de Engenharia Militar compreenderão também esses três anos, e mais o estudo complementar na Escola Central.

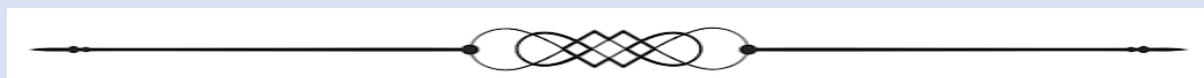
Conforme o livro “História do Casarão da Várzea” (BENTO, Claudio et GIORGIS, Luiz Ernani Caminha. Barra Mansa: FAHIMTB/Drumond, 2009, p. 34), o Curso de Infantaria e Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul (CICRS) foi instalado em 02 Abr 1853 com 64 alunos no mesmo prédio do Liceu Dom Affonso, que também foi idealizado por Caxias quando Presidente da Província do RS em 1846.

O Liceu foi instalado em um prédio situado na esquina das ruas Riachuelo e General Câmara (Rua da Ladeira), no mesmo local onde está situada hoje a Biblioteca Pública do Estado¹.

A pedra fundamental do atual prédio do CMPA, onde funcionou o Curso de Infantaria e Cavalaria, foi lançada em 29 Abr 1872.

Depois de ter passado por dois outros locais, o CICRS, já com o nome de Escola de Infantaria e Cavalaria da Província do Rio Grande do Sul, foi instalado no Casarão da Várzea em 03 Mar 1887, coincidindo com a inauguração do Internato (Bento, Giorgis, p. 38).

Torna-se claro, portanto, que Caxias foi o grande impulsionador do ensino no RS, tanto o militar como o civil.



Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel
AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)
www.ahimtb.org.br
www.acadhistoria.com.br

¹ A Biblioteca Pública se originou da própria Biblioteca do Liceu Dom Affonso, e ficou instalada no mesmo local desde aquela época. O prédio, entretanto, já é outro, o atual.